

HISTORIOGRAFIA DO GOLPE DE 1964 A PARTIR DE ESTUDOS SOBRE O INSTITUTO DE PESQUISAS E ESTUDOS SOCIAIS (IPÊS)

Luana Carolina dos Santos (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Sidnei José Munhoz (Orientador), e-mail: luucarolinaa16@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Ciências Humanas/História

Palavras-chave: golpe de 1964; revisão bibliográfica; Ipês.

Resumo:

Surgido em 1961, o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês) foi um relevante núcleo de articulação entre empresários, tecno-empresários, políticos e militares na preparação para o golpe civil-militar de 1964, no Brasil. O Ipês atuava por meio de propagandas que buscavam promover o anticomunismo, a desestabilização do governo João Goulart e, no caso da elite orgânica organizada no Ipês, objetivava desenvolver uma nova dinâmica estatal. Este Instituto foi estudado primeiramente e de maneira aprofundada por René Dreifuss, que publicou “1964 A conquista do Estado”, em 1981. O tema inovador analisado por Dreifuss foi retomado por outros autores, inclusive com produções mais recentes, e por isso, neste estudo, se objetiva apreender o que mais se buscou evidenciar pela literatura acerca da atuação do Ipês. Desta maneira, tem se por objetivo promover um diálogo entre os(as) autores(as), assim como analisar as novas propostas de pesquisas buscando-se ressaltar possíveis lacunas na produção historiográfica sobre o Ipês.

Introdução

Inserida no contexto mundial da Guerra Fria, a América Latina na década de 1960 se viu palco de muitos golpes e de instituição de regimes ditatoriais que se mostraram intensamente repressivos. Esses regimes autoritários foram marcados sobremaneira pelo forte discurso anticomunista, motivados tanto pelo enraizamento de perspectivas autoritárias domésticas quanto pela influência dos Estados Unidos. Dessa forma, no caso do Brasil, a partir de 1961 com a posse do presidente João Goulart as inquietações políticas e sociais se intensificaram. Naquele contexto, deu-se a união de empresários, militares e políticos de perfil conservador que se articularam com o intuito de destituir o presidente João Goulart. Essas articulações criaram as bases para o golpe civil-militar implementado em 1º de Abril de 1964, que resultou em vinte e um anos de regime de repressão. Dessa forma, para o maior entendimento acerca da construção golpista da década de 1960 no Brasil se faz essencial a abordagem dos mais diversos agentes sociais. Por isso, o

estudo sobre a atuação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês) foi escolhido como objeto de análise desta pesquisa. Essa instituição produziu diferentes materiais propagandísticos, como documentários, panfletos, livros e seminários que tinham como público alvo, desde o grande empresariado multinacional até a classe trabalhadora.

Desta forma, objetivou-se com essa Iniciação Científica a feitura de uma revisão bibliográfica acerca de estudos temáticos sobre a participação do Ipês no projeto golpista de 1964. Partindo da leitura da obra “1964 A Conquista do Estado: ação política, poder e ação de classe” escrita por René Dreifuss, em 1981. Acrescendo outras literaturas contemporâneas a Dreifuss (1981) e as mais recentes produzidas pelos programas de mestrado e doutorado brasileiros. Para assim, ser possível perceber os resultados já alcançados e as possíveis lacunas na historiografia do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais.

Materiais e métodos

Nesta Iniciação Científica os materiais utilizados foram livros e artigos que versavam sobre o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, tanto no que tange uma literatura mais clássica – principalmente quanto ao contexto pré-golpe de 1964 – e também no que tange a estudos mais recentes. A partir da leitura e fichamento destes foi possível dialogar com autoras (es) e perceber os limites, similaridades e lacunas encontradas na historiografia acerca do Ipês. Esse percurso possibilitou também a reflexão sobre outras abordagens que podem ser aprofundadas, auxiliando na ampliação da produção de conhecimento.

Resultados e Discussão

A partir do levantamento bibliográfico feito nesta iniciação científica foi possível analisar diferentes literaturas e abordagens sobre a historiografia do golpe de 1964 focalizando a participação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipês). A base para análise deu-se com o estudo da obra “1964 A conquista do Estado” de René Dreifuss, feita conjuntamente com um estudo da trajetória do autor a fim de entender suas abordagens teórico-metodológicas. E ainda quanto o autor, foi revisto pesquisas historiográficas críticas a Dreifuss (MELO; HOVELER; 2014). Para além disso, leituras acerca do contexto nacional e mundial da década de 1960 foram essenciais para o futuro entendimento das diferentes teses sobre a participação do Ipês no golpe. Outras leituras privilegiadas foram revisões historiográficas (FICO, 2004) feitas mais recentemente sobre o golpe de 1964, que auxiliaram nesta pesquisa na percepção das diferentes abordagens sobre os protagonistas de tal momento histórico. E, por fim, a partir da reflexão sobre estudos específicos sobre a participação do Instituto percebeu-se que as pesquisas enfocam principalmente, os quinze documentários produzidos pelo Ipês (ASSIS, 2001) e suas atuações midiáticas como um todo. Além disso, a relação do Ipês com o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad) é

geralmente focada, assim como a relação destes institutos com os Estados Unidos. Mais recentemente, é possível perceber uma discussão acerca da participação do Ipês no contexto pós-golpe, em que é ressaltado como os governos ditatoriais desenvolveram uma política distinta daquela planejada pelos ipesianos. No entanto, apesar disso, personagens ligadas ao Ipês ocuparam em grande medida cargos estatais relevantes. Dessa forma, os principais debates sobre o Ipês englobam a reflexão das possibilidades e limites de seu protagonismo na articulação golpista de 1964.

Conclusões

O Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais, criado em 1961 mas que já estava em vias de articulação desde o governo de Juscelino Kubitschek foi formado por empresários, políticos, tecno-empresários e militares – principalmente os ligados a Escola Superior de Guerra. A partir da sua estruturação como partido da burguesia ligada ao capital multinacional associado foi essencial para construir a consciência de classe do que René Dreifuss chamou de “elite orgânica” e também para influenciar a sociedade em diferentes campos e dimensões. Em sua trajetória o Ipês disseminou princípios anticomunistas, anti-Goulart, liberais e as suas intenções não apenas com vistas a destituir um governo, mas modificar mais profundamente a organização do Estado. Como o Instituto objetivava também influenciar a classe trabalhadora e a classe média construiu uma grande rede de propaganda, efetivada por meio do rádio, da televisão, de jornais, de revistas, e de campanhas e documentários por todo o Brasil. Com a instauração do regime militar o instituto começou a sofrer duras perdas econômicas e foi se desestabilizando, o que resultou em seu fechamento em 1972. Essa crise do Ipês após a vitória do golpe para o qual ele contribuiu intensamente gera dúvidas acerca de seu papel na estrutura do regime ditatorial, uma vez que estava desempenhando um papel diferente do que ocorrera no contexto pré-golpe. Mas mesmo assim, foi um ator importante e participante relevante no desenrolar do processo que levou à destituição do regime civil e a instituição do regime de exceção no Brasil (DREIFUSS, 1981).

Com esta iniciação científica então foi possível perceber que há muitas pesquisas que abordam a participação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais no golpe de 1964. Porém, a obra de Dreifuss (1981) continua a ser a principal e mais completa sobre o tema. Logo, a tese deste autor de que o protagonismo na articulação golpista não foi apenas do setor militar, e que a formação de uma elite orgânica centralizada no complexo Ipês/Ibad como o partido desta ainda gera muitas discussões. Mas é notável por meio da ampla documentação, e materiais audiovisuais produzidas pelos Institutos que eles participaram ativamente na desestabilização do governo João Goulart. Ou seja, a partir desta reflexão é possível entender que o golpe foi de caráter civil-militar. Além disso, é notável que ainda há muitas possibilidades de estudos, por exemplo, no que tange a atuação da Escola Superior de Guerra no Ipês e também sobre outros materiais produzidos

como livros e os cursos promovidos para sindicalistas e para o movimento estudantil. Dessa maneira, é evidente que para melhor compreender o lugar que o Instituto ocupou para os brasileiros e para o grupo conspirador e executor do golpe de 1964 se faz ainda necessário muitas discussões e novos estudos. A pesquisa e a investigação com novas fontes poderá contribuir para o melhor entendimento de como uma elite liberal conseguiu disseminar seus princípios e preparar a sociedade para a derrubada do governo e para as novas dinâmicas do Estado, promovendo sempre a valorização do seu código moral, os chamados bons costumes católicos, o anticomunismo e a importância dos empresários como condutores da sociedade.

Agradecimentos

Agradeço ao programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq/FA/UEM por ter possibilitado a feitura desta pesquisa que muito acrescenta na formação de novos pesquisadores. Para além disso, agradeço sobremaneira ao meu orientador Prof. Dr. Sidnei Munhoz, pelos muitos ensinamentos, competência e paciência. Por fim, agradeço aos membros do Laboratório de Estudos do Tempo Presente (LabTempo-UEM), no qual faço parte, por serem sempre tão prestativos.

Referências

- ASSIS, Denise. **Propaganda e Cinema a Serviço Golpe (1962/1964)**. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2001.
- DREIFFUS, René Armand. **1964 A conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.
- FICO, Carlos. **Além do golpe**. Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MELO, Demian Bezerra de; HOVELER, Rejane Carolina. **Muito além da conspiração: uma reavaliação crítica da obra de René A. Dreifuss**. In: Revista Tempos Históricos, Marechal Cândido Rondon, v. 18, n. 1, p. 13-43, 2014.